

3 1761 07044992 1

PQ
9261
C3A6
1922







Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

NUNO CATHARINO CARDOSO

CAMILLO

*Mulheres
e Lagrimas*

(LIVRO DE AMOR E DO CORAÇÃO)

*:: Contendo
cento e no-
venta e três
pensamentos
respigados
na obra do
Grande Ro-
mancista ::*

1.º Milhar

PORTUGALIA

EDÍTORA

RUA DO CARMO N.º 75
LISBOA



A' Pedaccão de

HISTÓRIA DO

A Victoria

Officer

Mulheres e Lagrimas

(Livro de Amor e do Coração)

Umio Catharino Bardes

DO AUCTOR

Publicados:

	Antologia Portuguesa (Verso)	
Vol. I	<i>Poetisas Portuguesas</i>	1917
Vol. II	<i>Sonetistas Portugueses e Luso- Brasileiros</i>	1918
Vol. III	<i>Cancioneiro da Saudade e da Morte</i>	1920
Vol. IV	<i>Cancioneiro Popular Português e Brasileiro</i>	1921
	Escreptores Portugueses (Prosa) (Antologia)	
Vol. I	<i>Camillo — Mulheres e Lagrimas</i>	1922

A publicar:

- Antologia Portuguesa
Volumes V a X
- Escritores Portugueses
Volumes II a V
- Biblioteca Comercial
Volumes I e II

A sahir do prélo:

Camillo -- Pensamentos

NUNO CATHARINO CARDOSO
(Da Academia de Sciencias de Portugal)

CAMILLO

MULHERES E LAGRIMAS

(Livro de Amor e do Coração)

*:: Contendo
cento e no-
venta e três
pensamentos
respigados
na obra do
Grande Ro-
mancista ::*

1.º Milhar

Depositaria: **Portugalia**
EDITORA

RUA DO CARMO N.º 75
LISBOA

A propriedade literaria deste livro, cuja tiragem foi de 2.220 exemplares, sendo 20 em papel especial, é garantida ao auctor, em Portugal, no Brazil e no estrangeiro, pelas Leis, Regulamentos e Convenções em vigor.

(Edição do auctor)



PQ
9261
C3A6
1922

Composto e impresso na TIP. DA COOPERATIVA MILITAR
Rua Alves Correa, 20 a 42
LISBOA

PREFACIO



MULHERES e Lagrimas!

Quem melhor do que Camillo conheceu as mulheres e a sua psicologia e sentiu o travo das lagrimas?!

Quem, portanto, com mais exacto conhecimento de causa do que o auctor do ‘Amor de Perdição’, poderia escrever ácerca das Mulheres, das Lagrimas, do Amor e do Coração?

Mulheres e Lagrimas... Riso e Dôr, Paraíso e Inferno!

Avassalando os cérebros e corações, pouquissimos entes se poderão vangloriar de não ter pago o seu fatal tributo á Lagrima e á Mulher — a Essencia Divina (ou o mais terrivel de todos os males, como cruelmente a definiu Euripedes).

Quer a Lagrima seja a Dôr ou a Saudade purificada no Coração, quer exprima a confissão e a subjugação da Magua, a Lagrima, tão certa como a Morte, é, bem como a Mulher, a inseparavel companheira da humanidade, habitando uma e outra, nos mais sumptuosos palacios e nas mais humildes choupanas!

Ao nascermos, mal podendo encarar a luz do dia, sem vontade propria e consciencia das coisas, como platonico proteslo contra as amarguras que no mundo nos esperam, de nossos labios sae instinctivo grito de dôr e revolta, e dos olhos brotam-nos as primeiras lagrimas.

E, pela vida fóra, Senhor, desde a mais tenra idade á decrepitude, quantas lagrimas choramos ou fazemos chorar! E, ai daqueles que, tendo motivos para sentir a dôr converter-se em lagrimas, não choram, pois:

«As lagrimas represadas são a peçonha mortal do coração.»

Mulheres e Lagrimas, que tremendos misterios e sofrimentos envolvem, por vezes, estas simples palavras!

.....

*

* *

Orfão de pae e mãe :

«Mãe, eu era ainda creança
 Já te não vi: morta eras!
 Buscou-te amor, e esperança,
 E o coração que me deras.
 Com que fé eu te pedia
 Um carinho maternal,
 Pois, na terra, eu não sabia
 Quanto um doce affago val!»

Camillo poucos anos de idade contava, (nove a dez)
quando o prenderam os juvenis encantos de :

•Amelia, a filha dos sonhos,
A rival dos anjos.►

Desterrado para as

•Aguas montanhas
Onde a forva natureza
Não tem galas nem poesia ;
Onde é triste a primavera
Sem aromas nem verdores ;
Onde o sol calcina a rocha
E não deixa ao prado flores ;
Onde o inverno se contorce
Em vulcões de ventania
E, ruindo sobre a espalda
D'aquellas serras cinzentas
Onde a custo alveja o dia,►

nem a distancia, nem a precoce desgraça que tão cedo principiou a perseguir Camillo, lhe fizeram esquecer a amada, porque :

•Das scismadoras montanhas,
Nos crepusculos de agosto
Que saudades tamanhas
Te mandei, chorando, Amelia,
Pela andorinha, ao sol posto,
Quando a via volitando
E altos serros transmontando
Para os céos que eram os teus !...►

*

* *

Principiada estava, portanto, a grande tragédia amorosa do primeiro romancista português.

Por isso, e porque enorme foi a influencia que as Mulheres exerceram em sua vida, vou, rapidamente, referir-me aos devaneios amorosos do solitario de S. Miguel de Seide.

Rival de Camões, no amor, é difficil dizer quantas mulheres Camillo amou. E' ele mesmo quem o confessa :

«Quantas mulheres amei com devoção, com desesperação, com demencia ?

Não sei ! Lembra-me que foram muitas, e que, no rapido fugir de uma hora, amava com paixão impetuosa uma eternidade.»

Antes de nos falar de :

«Luiza, flor dentre as fragas,
Donairoza camponeza,
Typo gentil de pureza,
Lindo esmalte das campinas,»

a mesma que :

«Alem nas varzeas do val,
Tinha quanto o coração
Sonha de bello e immortal
Na sua ardente ambição.
Nem mais formosa que ella,
Nem mais pura o mundo a finha !»

recorda Maria, de quem diz :

«Viva ou morta, Maria, és a imagem esvaecida no sonho de uma creança ! E's um sorriso nos labios avaros da felicidade.

Formosa mentira da minha infancia, não te maldigo! Se não fosses tu, a minha alma não tinha uma flor, a minha mocidade não tinha um idílio, a poesia do passado, saudosa a tantos, seria escarneo para mim!

Sinto que entre os espinhos do meu coração, esterelizado pelos desenganos, se esconde a serpente da dôr. Deixal-a espedaçar-me, que a flor, deixada lá por ti, é das que viçam na terra da sepultura. Irá comigo!

Como, Camillo se enganava, quando supunha que a serpente da dôr o despedaçaria!

*

✧ ✧

Laura, Miquelina, Julia e até a propria Aldonsa (quatro nomes não citados nos «Amores de Camillo», belo livro do infatigavel e brilhante Camilianista sr. Alberto Pimentel) bem como Elmena e Celeste, são meros episodios amorosos na vida do grande prosador.

Perdido para a sociedade e para si, aos quinze anos, Camillo, aos desaseis, não menos desvairado nem menos cego e perdido pelo coração e pelo amor, depois de ter tomado parte activa em combates de galos e em entremezes que organisava, casa, em Ribeira de Pena, com Joaquina Pereira, cujo perfil esboça no romance «Cabeça, Coração e Estomago», e que, a breve trecho, abandona para (confirmando o seu fatal estro que lhe predizia que era necessario ser desgraçado) raptar Patricia Emilia de Barros, a sua primeira mulher fatal que lhe inspirou

o drama «Agostinho de Ceuta», e por causa da qual, pela vez primeira, entrou no carcere da Relação do Porto, em 12 de outubro de 1846, contando apenas vinte e um anos de idade!

*

* *

Morta Joaquina Pereira, o coração de Camillo estava absolutamente livre, se é que alguma vêz o teve captivo.

Assediado por paixões varias, candido e grande foi o amor e a magua que Camillo sentiu por Maria do Adro, a infeliz camponeza de Villarinho de Samardã, cuja exumação descreve nestas lugubres frases Shakspeareanas :

«Lembra-me que fuzilavam os relampagos d'uma trovoada de agosto quando entrámos na igreja, pela porta da sacristia. Já lá tínhamos uma alavanca e uma enxada. Entrei na igreja, alumuada a espaços pelo lampejo azul dos trovões, com religioso terror. Meu cunhado deu-me animo com riso desdenhoso. Abalámos a pedra tumular com o ferro de monte. Sustentámol-a no pendor com o peito. Revezámo-nos a cavar, até encontrarmos as taboas lateraes do esquife. Não consenti d'ahi em diante o uso da enxada. Tirei a terra ás mãos cheias, até sentir debaixo dos dedos, que cravava na terra, as formas de um corpo mole. Eu tinha a cabeça em lume : as pulsações do coração eram tão fortes que me agoniavam : não senti cheiro mau, senão o da terra impregnada de ossadas em pó, de vertebras e pedaços de habitos mortuorios, contudo angustiaua me uma sensação de nausea, mas toda moral, sensação que nunca mais experimentei.

Meu cunhado, vendo-me descorar, offereceu-me um vidro de espirito, que eu não aceitei. Prosegui na exumação, até encon-

trar as pontas do lenço que cobriam a face do cadaver. Segurei as quatro pontas nas mãos tremulas; tirei devagar o panno, e vi Maria.

Permaneci quieto, não sei que tempo, com os joelhos enterrados e a face pendida sobre a face morta. Não sei dizer-te o que pensei. Talvez nada! A alma n'estes lances creio que se anniquilla. Ha dores com que o homem não pôde, e Deus quando as dá assim, permittê a lethargia, a morte passageira, a paralyisia dos órgãos conductores da impressão.

Meu cunhado ergueu-me pelos braços. Fitou-me com um sorriso... de medico, e affectou um ar de estranheza que eu antes quizera não fosse fingido.

.....

Vejamos agora quem era Maria do Adro. E' a penna de Camillo, sempre fecunda e brilhante, que no-la descreve:

«Sabes tu lá quem era a Maria do Adro?! Desce da elevada esphera, por onde voejam as tuas preocupações, cá baixo, ao raso de uma mulher do povo.

Maria do Adro era filha de uma viuva pobre. Tinha dezessete annos. Fôra bonita até aos quinze; depois uma enfermidade grave emmagreceu-lhe a face, amarelleceu-lhe a pelle, e sugou-lhe a seiva que viçava em flôres por todo aquelle rir e olhar de descuidosa innocencia.

A' mudança de semblante correspondeu a da alma.

Fez-se melancholica e taciturna: Não arranchava para dançar de roda, nem cantava nas espadeladas do linho.

Chamavam-lhe «mona» as azougadas companheiras, e ella o que respondia ás provocações era: — «Andai, andai, raparigas; eu tambem me diverti assim, quando tinha saude.»

E muito divertida dizem que ella fôra! Cantava ao desafio com muita graça, e até, dizia-me o padre mestre, com versos certos e sentenciosos.

Minha irmã disse-me uma vez: — «Esta Maria do Adro distingue-se entre todas as outras. Tem um ar senhoril, que não parece do seu tracto.»

Isto impressionou-me, e eu reparei na moça, que até alli me fôra indifferente.»

Reparar quando o coração repara mais que o juizo, é amar. Achei a tal distincção. Esqueci as perdizes e as ovelhas; ia sempre que Maria estava em casa, sentar-me n'um tóro de castanheiro à porta d'ella; visitava-a na leira, cortinha, ou horta onde ella estivesse; dizia-lhe todos os dias a mesma coisa, e ella respondia-me sempre com o seu sorriso meigo, dando-me umas vezes uma flôr do monte, outras um abraço de videira.»

.....

Para que mencionar o caso da «Harpa do Sceptico» que ia levando o auctor de «A Corja», em 1847, ao suicidio, se muito mais graves e perduradoras consequencias teve, na vida de Camillo, a irresistivel paixão que sentiu por Anna Placido, a quem chamou em seus livros, Rachel, Ludovina, Adriana, Henriqueta, Leonor, etc. ?

Desse longo e pungente drama de amor, principiado assim :

«Era n'um baile. Ondulava
De ouro e sedas o salão ;
O ar que ali se aspirava
Escaldava o coração.
Tinha fogo o olhar da virgem,
Fogo de amor, de vertigem,
D'esse que inflama o pudor
Tinha a mulher, anjo ou fada,
Uma existencia encantada,
Um condão fascinador !»

mais do que tudo quanto eu possa dizer, falam as dôres, os vexames e os sofrimentos das tresentas e oitenta e quatro interminaveis noites de carcere em que Camillo e Anna Placido jazeram acorrentados áquelles «varões de ferro com cadeias de ouro.»

O remorso, fazendo esquecer á auctora da
«Luz coada por ferros», que :

«Das ambições a mais nobre
Será chamar-te um dia meu.»

dicta-lhe estas pungentes quadras :

«Maldita ! eis a voz que eu escuto
Nas sombras da noite, se geme o tufão ;
Ao longe lá ouço bramir a tormenta
Não menos medonha no meu coração.

.....
Maldita ! Maldita ! os echos repetem
D'um mundo feroz que exulta á victoria ;
Maldita tu sejas mulher infamada
Por culpa que é noutras suprema gloria.»

Apesar das incompatibilidades que mais tarde
surgiram entre esses dois entes que a fatalidade
reunira, estou certo de que Anna Placido, olvidando
as injustas palavras de Camillo :

«Oh ! a mulher formosa — a santa do meu amor — a ima-
culada que eu manchei n'um sonho, aquella mulher... morreu !»

foi a primeira pessoa que, afflicta, magoada e leal-
mente acudiu ao esposo amado, e por ele verteu
sinceras lagrimas na tarde de um de Junho de 1890,
em que a literatura portuguesa perdeu um dos seus
vultos mais eminentes.

*
* *

Camillo, como se acaba de ver, foi um pre-
destinado para o Amor :

«Fogo que arde sem se ver,
Ferida que doe e não se sente».

Inconstante, teve, porem, a ventura de facilmente esquecer as paixões que o dominaram, embora, de longe em longe, plangente e saudoso eco lhe relembresse as aventuras da sua mocidade irrequieta.

E tanto assim é, que, quando pela segunda vês o vemos pressuroso a fugir ao carcere, nessa dolorosa peregrinação por montes e vales, qual Judeu Errante — ora passando por Guimarães e Taipas, ora refugiando-se na quinta do Ermo de seu inditoso amigo Vieira de Castro, já chegando a Villa Real, já fugindo dos pontos onde recordações pungentes o perseguiram — ainda, apesar da paixão que o subjuguava, tem a serenidade necessaria para reparar na humilde carregadora que lhe transporta o bahu, e a quem dedicou estas palavras :

«Que formosura tão da cõrte, de palacio, de aristocracia!
Que pureza e correcção de linhas ! que fidalguia de olhar e fallar !»

Dizem muito estas frases, partidas daquele que, pouco antes, sob a medonha tempestade de 2 de Julho de 1860, passara a Serra do Marão, o mesmo que tinha «buracos na cara», segundo annunciavam seus perseguidores, e que pedira ao criado, para que transmitisse á familia :

«Diz que me deixaste doido»

frase tanto mais dilacerante e crível, quanto é certo que na familia de Camillo, como ele bem o sabia, varios doidos tinha havido !

Que contraste ha entre as palavras que o auctor de «O Euzebio Macario» consagra á pobre

mulher a que ha pouco me referi e as que escreveu (salvo erro) ácerca das damas de Coimbra!

*

* *

Quem, como Camillo, tanto amou, não podia deixar de tratar, tão bela, judiciosa e minuciosamente, da Mulher, das Lagrimas, do Coração e do Amor, como verão os leitores deste florilegio para cuja feitura, tive de consultar e ler toda a obra do Mestre, que se compõe de mais de trinta mil paginas, só de originaes!

Do valor dos pensamentos de Camillo e da sua contestura, mais detalhadamente me ocupo no complemento deste livro: «Camillo-Pensamentos», livro que em breve deverá apparecer no mercado, e que, pela sua natureza, estou certo muito interessará os admiradores de Camillo.

Não obstante do primeiro pensamento com que abre «Camillo — Mulheres e Lagrimas» poder alguém, menos conhecedor da obra de Camillo, falsamente concluir que ele tinha má vontade ás mulheres, posso asseverar que, pelo contrario, Camillo foi desde bem novo, um admirador do belo sexo.

*

* *

Feitas estas ligeiras considerações, resta-me concluir se, o amor perdeu, de facto, ou, antes, salvou o «Principe dos prosadores portugueses», que tão alevantado exemplo de altivez deu, quando em 1861

ainda preso, nestes termos, se dirige, em carta publica, ao Rei de Portugal, de saudosa memoria, D. Pedro V :

«O homem que trabalha não pede nem accêita esmolas ; e, se a pedisse ao Rei, julgar-se ia tão humilhado, como se a pedisse ao infimo dos homens.»

O amor, perdendo Camillo, foi, todavia, a exemplo do que succedeu a grandes vultos da história literaria, o estímulo do qual resultaram admiraveis paginas de portuguesissima e vernacula prosa, ao passo que, tambem, retardou, por bastantes anos, a pratica dessa fatal obsessão que, por tanto tempo perseguiu Camillo — o *Suicidio*.

*

* *

O auctor deste trabalho agradece muito reconhecido, aos senhores Criticos literarios e Jornalistas Portugueses e Brasileiros, o envio, para o Campo de Sant'Ana n.º 100-3.º E. (LISBOA), das noticias e criticas que se dignem fazer a este modesto subsidio Camilliano e bem assim a citação deste livro, desde que dele sejam feitas quaesquer transcripções.

Lisboa, 22/2/1922.

Nuno Catharino Cardoso.

CAMILLO

MULHERES E LAGRIMAS

A mulher é uma contingencia: quem quizer constituil-a essencia da sua vida, aleija-se na alma e cahirá setenta vezes sete vezes das mulhetas a que se ampere do chão mal gradado e bar-rancoso do seu falso carinho.



A mulher, em geral, é um complexo de bons e maus prodigios.



Se ainda ha estimulos a heroismos perigosos é a mulher.



Mulheres, ainda que sejam primas, foram, são e hão de ser, cada vez mais, a maxima formosura deste planeta. Se as tiram de cá, isto é immundo.

a vida é um desterro, e a vaidade, o coração, a brandura, o talento, a gloria são palavras sem significação. O que restaria? Um enxame de bipedes, agatinhando n'uma bolla, friamente achatada para os polos, cousa ridicula, que faz dar rizadas estrondosas aquelle Migromegas habitante da estrella Syrio, de que falla Voltaire.



A mulher é um abysmo, diz o santo abbade Ruperto; e quem não fôr mais santo que eu, ha de crer que a mulher é, pelo menos, tres abysmos.



A mulher, observada por um d'esses infelizes parias, que vivem longe de nós por excursões no deserto da aspiração, transfigura-se, divinisa-se, é o cherubim de um dia, a luz ephemera de uma bemaventurança impossivel sobre a terra.



A mulher não tem valor determinado como uma perola. Abstracta como os espiritos, espiritual como os anjos, não ha theologo, nem mathematico, que a defina pelo dogma, ou a calcule pelas operações infalliveis. Sabe-se que vale muito; mas não é ella que o sabe. Sabem-n'o aquelles que soffreram por ella, embora as flores do triumpho pendam

murchas na sua corôa de martyrio. Sabem-no os que tiveram alma sedenta de paixões, embora bebesssem alfim por taças de oiro esse licor, que embriaga, sacia, entorpece e paralyza.



A ideia philosophica em uma mulher, começa aos vinte e cinco annos, e acaba aos quarenta e cinco. Até aos vinte e cinco, domina a poesia, dos quarenta e cinco para deante, se não domina a theologia, ha de forçosamente dominar a toleima, que os vocabulos definem «tolice grande».



Todas as mulheres, dos quarenta annos para alem, se teem maridos pobres e adoentados, por muito que os amem, cogitam e reflectem na viuvez pobre, e fallam n'isso, como as viuvvas industanicas devem fallar na fogueira, ao lado do luto dos maridos agonisantes.



As mulheres, as mulheres! Esta cruel metade do homem dispensava-se bem, se o Creador tivesse feito de uma assentada o homem inteiro. Por causa d'ellas, diz a historia que se tem perdido nações. Que admira que se perca um homem por maior que seja o seu fino e por mais chistãos que sejam os seus costumes! Até os santos tem estado a pique de se perderem, e eu creio até que alguns se perderam por causa d'ellas.

A mulher illude menos quando quer illudir-se.



Mulher irreligiosa é uma razão perdida no vacuo da consciencia ; mas a que faz praça da sua incredulidade, é cousa repugnante, tanto monta ouvil-a na sala como na taberna.



Ha uma mulher fatal para cada homem. E um homem fatal para cada cento de mulheres.



Ha uma só mulher que salva : é a que se lança nos nossos braços unvida do sacramento do Evangelho.



Não se diz que uma mulher se deshonra quando ainda se lhe não alumiou a consciencia da honra.



A inconstancia da mulher é uma das perfeições deste planeta.

A constancia degenera em tedio, e o tedio é o cancro que roe as frageis ligações do coração com a felicidade. A variedade remossa a alma, repovoando-a de imagens novas.

A perdição de uma adúltera não impede que milhares de adúlteras se gozem do crime e da impunidade.



Isto de mulheres umas com as outras não dizem cousa boa.



Quem é o juiz da mulher? O homem que a despenha do abysmo, onde a lançou o amor, ao abysmo do opprobrio.

E' o homem, que lhe entalha o ferrete da ignominia na face onde imprimira o beijo da perdição.



O altar onde se adora uma mulher é ao mesmo tempo a ara onde ella se dá em holocausto.



Mulheres são os melhores juizes de mulheres



Umhas mulheres vence-as a gentileza, outras, a valentia, outras o talento, outras o dinheiro, outras a estupidez, outras a bondade.

Uma mulher apaixonada só recebe bem as censuras da sua consciencia.



A mulher, quando se sente enfraquecer, revolta-se contra o homem que a subjuga.



Uma mulher com dignidade n'um só lance de d'olhos desarma os mais atrevidos projectos d'um homem.



Nenhuma mulher de fina educação pode ser feliz, como esposa, se não estiver possuida de certos sentimentos de tolerancia com as faltas do marido.



Todos os casamentos são felizes, quando entre marido e mulher se dá uma perfeita harmonia de vontades.



A mulher de que se foge é a mulher que se procura.



Olhos de mulher!... Os veus translucidos da Providencia. Eu vi por elles o céu. Não ha deserto innoitecido onde elles fulgem.

Olhos de mulher! São cruz e redempção. Desde Eva até Maria, desde o Eden até ao Calvario, desde a serpente que matou, até á cruz que, reviveu, sempre a mulher.



Mulher, que ama seu filho, pode dizer ufantemente que o seu coração está cheio de amor. Eu não sei que possa desejar-se na terra mais suprema felicidade.



A mulher educada e esclarecida pela inspiração de agradar, conhece de instincto as desharmonias estheticas, d'onde lhe resulta desairar-se aos olhos melindrosos e intolerantes do homem que ama.



Mulheres distinctas com amores distinctos é mistér invental-as.



Ha mulheres vaidosas — deixem-me assim dizer — da fidalguia do seu soffrer.



E' preciso muita paciencia para aturar uma mulher meio homem, meio litterata. . . .

Uma mulher tem obrigação de ser franca, visto que os homens são os que se servem das palavras para esconderem os pensamentos.



Não ha homem nenhum que seja indigno da estima de uma mulher.



Nunca é feliz com um vestido de chita a mulher que tem amigas com vestidos de sêda.



O agente principal do espirito de uma mulher é a modista. Se ha casadas que envelhecem disputando a melhor eleição de um talhe de vestido, que farão as solteiras ?



A mulher imprudente e leviana de sua vaidade, quando observa desacostumada seriedade no semblante do esposo, entende logo que elle a preza menos, ou que o seu amor não baste a preocupar o espirito do marido. Disso procedem os juizos falsos, as contendias funestas, e perigos desgraçadamente maiores.



O orgulho da mulher falladora, uma vez ferido é incuravel.

O orgulho da mulher é a sybilla de todos os seus segredos.



Onde está a mulher que possa prender, falando, a atenção do homem, perdido nos mundos ethereos da imaginação? Fóra das tres ou quatro phrases do amor, que se dizem com todos os comentarios e variantes em vinte minutos, onde irá ella cevar a ponta da lingua magnetica? Como suavizará a palestra conjugal de todos os dias, se o marido despegado das cousas terrenas não comprehende as vantagens do carvão de pedra sobre o de choça, nem se lhe dá do vestido da vizinha, nem quer saber se João namora Joanna ha sete annos?



As mulheres falladoras, santo Deus?! Que zanga eu tenho ás mulheres falladoras, e mormente ás que fazem ostentação do palavriado incansavel como d'uma veia de recursos nunca exausta!

Porque é que certas mulheres fallam tanto? Acho que é porqué não sabem nada.



Uma mulher não se cala nunca sem intervenção miraculosa do céu.



Uma mulher bonita entretém silenciosa.

Para uso de muitos tolos creou Deus as mulheres formosas, e criou Camões os formosos versos.



Sendo a gentileza femeal, como theologos dizem e eu creio, traça e armadilha do inimigo da alma, de vêr é que tem muito de ficticia e de por arte; e tão sobre o certo é isto que a mais consumada formosura, vista á luz do dia, tem senões que se desfazem, se a vedes á luz artificial.



A meu ver, o fim do mundo está-se annunciando na delgadeza, secura e descarnamento da femea. Virá uma geração em que mulher e homem se defrontem, não só para se quererem e amarem, se não para discutirem egualdade de direitos entre espirito e espirito, entre osso e osso. Chegado o genero humano a essa extremidade, acabou-se este globo, que me parece ser o mais ordinario de todos.



Quando acontece persuadir-se a mulher que o casamento estabelece egualdade de direitos, é inevitavel a desordem da vida. A submissão é tão precisa á filha como á esposa.



Os carinhos de um marido diminuem o respeito da esposa e preparam-na para a desobedien-

cia, se ella não tem muito gravados n'alma os dictames dos seus deveres.



E' gracioso condão das mulheres, tanto na mocidade como em annos graves, quando o verdadeiro amor as alvoroça, alindarem-se e remoçarem-se com umas denguições e puerilidades, que seriam sempre adoráveis, se não fossem uma vez por outra ridiculas.



Pode ser que o meditar da mulher, ainda não felicitada com a posse de um marido, sejam saudades do marido que ha-de ter.



Uma mulher não se mata. Se ella é infame, untam-se-lhe os degraus da escada para ella resvalar mais depressa ao abysmo. Se ella está na posição d'essa mulher, o homem retira-se com a sua dignidade, e paga ao mundo com as lagrimas choradas a lição recebida.



A mulher, enquanto é amada, está envolta na tunica immaculada do prestigio. Antevê-la criminosa, e prelibar a vingança, matando-a, se tal sentimento cabe na alma do homem, é porque a imagem da mulher querida com primorosos sentimentos já lá se desluziu.

A mulher offendida por ingratidão só perdôa quando quer esquecer a perfidia, recebendo, como recompensa do que soffreu, novas provas de affecto.

A mulher perdôa sempre os desperdicios de seu marido, contanto que elles não envôlvam uma affronta ao seu amor proprio, servindo de preçò aos amores alheios que se vendem.



Um poeta nunca pergunta se uma mulher é rica. Não se lhe perdoam perguntas que não sejam estas: é espirituosa? tem aspirações? idializa a existencia? vê em cada flor que murcha uma alma de virgem que se destaca do corpo? ouve em cada fremito da folhagem um suspiro de amor? contempla melancolica em cada gotta de orvalho, que aljofra a flor, uma lagrima de saudade? E tudo que não forem estas perguntas é um crime de lesa poesia.



A innocencia da creança incute mais pudor e medo no seio de mãe que o escarneo insultador da sociedade.



As mulheres são faceis de transigir de bôa fé com a mentira, e, pobres mulheres! . . . succumbem muitas vezes á eloquencia artificiosa d'um conquistador.

As mulheres soffrem muito prevendo conflictos, escandalos, duellos, suicidios por causa da sua virtuosa isempção, ou do seu galanteio logrativo; soffrem porem muito mais, se depois de se elevarem a uma situação de virtude ou ardil inacessivel á aggressão, veem o agressor retirar pacificamente, desdenhando-lhe a gloria, e assestando-lhe as baterias contra outras fortalezas menos teimosas.



Em geral, as mulheres, quando não ganham asco a quem as solicita importunamente, são umas voluntarias doudas que se gozam no aviltamento dos logrados, e se lastimam do assedio que soffrem.



Uma mulher, como eu seria se o fosse, deve fazer muito porque o corpo se não sinta das enfermidades da alma. A alma tem muitas primaveras, e por mais envelhecida que esteja não se vê. O corpo tem só uma, e essa está sujeita á maldita perfeição das lentes que lhe não deixam uma ruga precursora da decadencia sem demorada analyse.



N'umas mulheres a fragilidade é um passo feliz á orla dos abysmos: passam, e campeam no fastigio da felicidade mundana. Outras mulheres,

luctando peito a peito consigo mesmas, assim que o pé lhes descamba na ladeira, lá vão sorvidas de voragem em voragem.



A innexoravel serpente do Eden está sempre assobiando aos ouvidos da eterna Eva. A vaidade, criação contemporanea da primeira mulher, continua a offerecer-lhe em taça de ouro o sumo do pomo, doce na superficie, e fel no fundo. A que ententa prostrar a seus pés o conquistador soberbo, para que a fascinação do seu engodo seja inveja ás que não puderam tanto, é sempre victima se o homem, que facilmente se dá aos ferros, não tem ainda passado a linha da vida, alem da qual está o completo cansaço do corpo e da alma, tristes socios de um tardio desengano. A que intenta restaurar no coração do homem as potencias, atrophiadas pela perfidia, não sabe que será ella a offerenda expiatoria do crime de outra mulher; não sabe que trahido recupera as forças, convertendo-as em vingança, porque tudo que n'essa alma existia nobre e santo, bem pode ser que não sobrevivesse á morte de um primeiro amor galardoado com o desprezo.



Um homem rico que compra, com os effeitos legaes do setimo sacramento, o corpo de uma senhora pobre, desconhece que esse corpo vendido

tem um contrapeso venenoso que se chama o coração. Esse contrapeso é o que faz depois os desequilibrios. Se a mulher vendida ao luxo e ás invejas sociaes tem a rara virtude de devorar em si a peçonha do coração, o marido está salvo da deshonra; porem, se ella é vulgar e sucumbe ás tentações que as mesmas pompas facilitam é o marido que traga o amargar d'esse veneno que comprou com o contrapeso.



As mulheres amadas conhece-as pela côr quem quizer estudal-as entre os dezoito e trinta annos. Errados poetas e romancistas escrevem que o amor alegre os temperamentos melancolicos, e dá vertigens de prazer aos temperamentos alegres. Em pratica não é assim. A mulher, que se crê amada, e se compraz de o ser, elanguesce como a flôr muito beijada: centuplica-se-lhe a ternura, o mimo, a denguice, um não sei em que ella acha outro não sei que de adoração de si mesma. Qualquer menina, ainda hontem folgazã n'um baile, vede-a, no baile de hoje, como está angelicamente scismadora, devaneadora, assim como noiva que se peja de o ser de vinte e quatro horas; o segredo de tão extranha transformação sabe-o aquelle moço de aspecto brando, que a está contemplando de longe, e hontem lhe disse que saberia morrer não conseguindo ser amado d'ella.

A mulher de mediocre intelligencia (escrevo em Portugal) é entre nós o que á mingua de sinceridade e não de palavra, se diz: «mulher esperta». A mulher esperta é o ente mais defeituoso que se conhece aos olhos do homem que, n'outra altura de ideias, lhe vê em baixo a sua insignificancia. Esta mulher serve só para um homem extremamente, ignorante, ou tolerante fatuo. Se ignorante, crê que é o marido da princeza Magalona; se tolerante fatuo, cuida que, por ser o osso do osso e a carne da carne, é tambem o espirito do espirito de sua mulher. Não o homem que encaneceu a meio caminho da vida sobre os detestaveis *infolios*, e as tiras eternas da composição litteraria.



Quando a mulher trahida atribue á fatalidade a sua desgraça, lava no coração do traidor a mancha do crime. Perdoa-lhe até, se a fatalidade lh'o restituir.



A mulher que principia a amar tem oito dias de alienação moral. O espirito anda-lhe á solta, e um habil caçador apanha-lh'o e, depois... como sabes do teu Gemense, a alma é uma substancia accommodada para governar o corpo. Pilhada a alma, o corpo, sem governo, é uma nau desmastreada, sem leme, á mercê das ondas.

Ha mulheres como as flores venenosas: se te detiveres com ellas mais tempo que o necessario para lisongear a sensação, e regalares a phantasia, sentir-te-has tomado de um marasmo de espirito, em que serão delidas as tuas mais nobres faculdades, e, a mais valida de todas, o mais nobre apoio da tua dignidade de homem — a liberdade. Esta doença no começo da vida deixa achaque para sempre; é como a bala recebida em pleno peito e lá encerrada: o ferido vive; mas a revezes, a dôr lhe está lembrando que a bala pesa sobre o derradeiro fio da vida. Mulheres que matem corações generosos, ha muitas para cada homem. Mulher, que salve, ha uma só.



A mulher, por via de regra, é do seu natural tão bôa, sensivel e generosa, que chega a recompensar a pertinacia do homem que, primeiro a nauseou: o segredo d'este paradoxo está na influencia contagiosa da tolice. A mulher que fez chorar o tolo, e viu rebentar lagrimas de uma cabeça de granito, cuida que fez o milagre de Moysés na rocha de Horeb. Alliciada pela serpente da vaidade, succumbe como Eva.



No coração d'uma linda mulher, quem ousa syndicar ambições? Não é certo que os maus pensamentos, ao transluzirem nos olhos imperiosos

d'ella, depuram-se alli da sua maldade, para despertarem grandes virtudes no coração do homem? Que é a mulher n'este mundo, senão um ente privilegiado, para quem as leis repressivas são uma injuria? Como é que o homem, com a fragil feitura do seu código de leis, ousa intimar, punir, julgar e condemnar uma aspiração sempre grandiosa, como são todas as aspirações desferidas na harpa intima do coração da mulher anjo?



A mulher que ama precisa ver chorar para criar alentos. A coragem do homem que se despede parece uma offensa, ainda que o não seja, simula desamor, ainda mesmo que as lagrimas saiam do coração como gottas de ferro candente, e se derramem nas chagas do peito antes de chegarem aos olhos. A mulher amante quer, ao separar-se, levar a certeza de que deixa uma saudade, bastante a matar o coração que a ama. Isso é que lhe dá força para lutar e soffrer. A suprema desgraça é o desalento da duvida, quando a infeliz já por si não tem, contra o mundo, e contra a desgraça, senão a certeza de ser amada.



A mulher era o ente mais poetico da criação. Firme no seu throno, se quizesse ser rainha incorruptivel, veria baldarem-se as conspirações da avariza, quando ella estendesse o seu olhar angelico

e imperioso sob as legiões assoldadas ao demonio do egoismo. Ella, a commissionada do ceu, poderia assentar os seus arraiaes de conquista sobre as ruinas dos emporios traficantes, e manietaria ás rodas do seu carro triumphal essas frentes empenachadas que varrem as estradas da cabeça do bezerro. Nem o templo teria publicanos, nem a lei salica, nem os harens teriam cuspidado uma affronta na alfaia mais preciosa, que adornou o Ente Supremo no dia da criação. Mas a mulher, embaciada no seu verniz ideal, desfeiteada d'esses adereços, cujos cofres de mysteriosas chaves era o coração do homem, a mulher sem poesia, é um barro mais quebradiço que a tradicional costela do homem.

Faça-se justiça ao homem. Não foi elle o depressor da mulher. É ella que pediu o seu quinhão á mesa das ambições. Quiz ser contemplada em interesses havidos e por haver. Fez-se carnal em todas as suas potencias. Calculou com as lagrimas e com os risos: vendeu-se nos seus affectos, e protrahiu o grandioso da sua realleza, decretando que o thuribulo de seus perfumes contivesse myrrha, incenso e *ouro* tambem. Constituida mercancia, esta engenhosa feitura de Deus, tornou-se um objecto de permutação, uma compra de contento, uma cousa de fastio como o casaco usado, as pantalonas velhas, e o chapéu do anno passado.

É mentira! A mulher não pode nem tem o direito de se baratear. Não é fadada pelos homens: representa uma lei immutavel do Eterno: não pode invalidar-se. Tem epochas de soberania, estação de

cultos, fertil colheita de adorações, que a consolam na sua decadencia.

.....

Quem poderá dizer-lhe o que ella é?...

Não lhe bastam, as internas revelações do instincto, não bastam, que bem o sabem todos... Era necessario dizer-lhe que o orgulho é a mais bella das suas feições... Dizer-lhe que a perfidia astuciosa é a sua perola de maior quilate, e que mais vale um seu sorriso sarcastico que o mais apaixonado suspiro.



As mães que desafogam as suas angustias, ajoelhando á beira de um berço, estão salvas.



Um filho é o complexo de todos os amores do ceu e da terra. O Altissimo, quando quer interpor um elo entre si e a mulher, dá-lhe um filho.



Se os dons maviosos, os encantos, e a magia dos affectos bastassem á emancipação das senhoras, emancipadas estariam todas, desde que Dalila tosquou Sansão, e Omfale fez que Hercules fiasse na roca.



Não ha mulher nenhuma que salve. Homem perdido por uma, não pode ser salvo por outra.

A perversidade nasceu com a sciencia da primeira mulher.



Quem pode enganar a mulher que principia a desconfiar da felicidade no amor?



Estas mulheres de condição muito afidalgada e rebeldes em amores, são como as pessoas muito saudáveis: chega uma hora em que a primeira doença mata umas, e o primeiro amor perde as outras.



Mulheres! a serpente sempre a sob-rojar-se por entre as mais virtuosas!



A mulher actual é quasi sempre victima da rhetorica requentada do romance, que esteril peralvilho lhe encampa como cousa de sua alma. Algumas conheço eu que resvalaram ao abysmo de perdição pela rampa de um adverbio euphonicamente intenso n'um periodo arredondado. Este sortilegio da linguagem, que enfeitiça e dá quebranto ás mulheres, é apanhado no romance. O coração de certos individuos acha-se, muitas vezes, a paginas tantas de tal novella. Sem figurinos e romances não haveria corpos apresentáveis nem espiritos insinuantes.

A candura virginal de uma menina de quinze annos é a causa mais equívoca d'este mundo, se a menina leu cousa em que os pedagogos do coração a ensinaram a conhecer-se, antes que a experiencia a doutrinasse.



O homem trahido uma vez pode ouvir dos labios da mulher um juramento d'alma, animado com a santa innocencia d'um anjo, mas nunca mais lhe franqueará o coração, onde goleja sangue uma chaga incuravel.



A mulher pode tudo, com um pé sobre a dignidade e outro sobre o coração.



Eu não sei que merecimento pode ter no conceito de uma mulher, o homem pobre que, em nome da sua desvairada paixão, a convida a ser pobre com elle, e a receber da sociedade as, talvez involuntarias, desattenções que necessariamente avexam o pobre, se elle não está sanctificado pela paciencia.



A mulher saberá os escaninhos da alma como a abelha os do cortiço. Não haverá uma só que se possa, com acerto chamar-se tola. Perfeita de

espírito, attenderá as imperfeições corporeas, e descontente da massa insufficiente que o grande artifice empregou na feitura d'ella, apropriar-se-ha do algodão necessario para que o Creador soffra quinau. A mulher correcta e aumentada, em alma e algodão, será o luxo da natureza, a boneca das crianças decrepitas, o ouro cendrado no cadinho das humanas miserias, o melhor pedaço de carne e osso que Deus creou, a mais flacida obra de algodão e barbas de baleia que as manufacturas celestes podiam dar-nos.



Belleza absoluta, de telhas abaixo, ha uma só, que ê a da mulher formosa; e, na variada manifestação de belleza em diversidade de typo, ha uma superior formosura, que constitue o bello universal que prênde e enleva todos os olhos. A mulher, assim dotada, tanto impressiona o espirito educado na visão e admiração das maravilhas da natureza e arte, como o espirito desculto de toda a composura e discernimento.



A felicidade da mulher é muito fragil e irreparavel depois de morta com a peçonha da ingratição.



Infeliz é a mulher que transige com a perseguição humilhando-se.

Creio que ha uma sentinella celestial posta ao pé do coração de cada virgem; suspeito, porem, que essa sentinella, quando a virtude é prolongadamente monótona, adormece.

Neste adormecer é que está o perigo, e a verdade do proverbio «que o demonio não dorme».



A mulher que amou, do fundo do seu abysmo ergue as mãos para o verdugo, e depois para Deus. Se ninguem a escuta, morre, ou . . . *perde-se noutros abysmos.*



O ciume da mulher, de quem se não espera nem pede amor, é uma revelação agradável, ainda mesmo que valha pouco para a felicidade do coração.



A obediencia ao marido recebe-se como um dever quando a razão já está formada e começa com o amor.



Não ha contentamento comparavel ao da mulher desestimada da sociedade, quando se lhe depara prova de respeito, urbanidade sem mescla de amor aviltante.

A mulher, segundo bons auctores, quasi todos poetas, é divina; eu por mim suspeito que ella não é absolutamente divina, mas inclino-me a crer que tem costella de divindade; e, se o não parece aos olhos da sã philosophia é porque lhe faz damno o ter sido em parte fabricada da costella do homem. Seja como fôr, o seu tanto ou quanto de divina, isso tem-no. E' dessa qualidade que procede o acceitar ella, benignamente, como as divindades figuradas em marmore ou tela, os incensos de toda a gente, sem estremar a intenção, bôa ou má do culto. A lisonja, vá de onde fôr, nunca é offensiva, emquanto se não declara nos termos communs ou dá visos de materialisar-se. Toda a mulher consente que a adorem com tanto que ella o não saiba da confissão propriamente do adorador. É algumas é de fê que as ha, puras quanto podem sel-o cherubins, as quaes perdoarão pelo divino amor de Deus aò homem aborrecido que ousar declarar-lhes que as ama. Esta grande virtude congenial tem ellas: é instincto; é caridade que não aprenderam no Evangelho: data desde a primeira mulher que se sentiu amada de dois homens, e amorosa de um só.



Da mulher o que nos commove e enleva é a parte impolluta que ella tem do céu; é a magia que a fada exercita obedecendo a interno impulso, não sabido d'ella, não sabido de nós. Alli ha mensagem de outras regiões; aqui, no peito arquejante, nos

olhos amarados de gosasas lágrimas, ha um aspirar para o alto, um ir-se o coração avoando desde os olhos, desde o sorriso d'ella, para soberanas e immorredouras alegrias. Nós é que não sabemos nem podemos ver senão o pouquinho d'esse infinito que nos intreluz nas graças do primeiro amor, do segundo amor, de quantos estremecimentos de subita embriaguez nos fazem crer que despimos o envolucro de barro e pairamos alados sobre a região das lagrimas.



Nas mulheres a intelligencia ou nasce com o coração, ou mata-o se ella vem depois.



A mulher receia o descredito, só depois de saber, como elle se alcança.



Uma senhora é sempre um objecto para assombros; e se tem talento, é um bello disparate.

UMA lagrima ! E' a perdida essencia do sangue
que nos alimentaria a existencia longos annos!



As lagrimas são o desafogo das dores que
vibram o cerebro normal.



As lagrimas em rosto formoso ensinam a de-
licadeza e afinam almas compadecidas.



As primeiras lagrimas do coração são um
perfume que Deus aceita.



As mais amargas lagrimas são as que custam
a virtude.



As lagrimas que vêm de longe são as que
mais nos doem no coração.

O melhor medico do espirito será aquelle que maior proporção de intimo fel diluir em lagrimas.



Ha lagrimas que tem um como pudor e recato que é talvez o medo de serem mal avaliadas.



Lagrimas e risos são a condição da vida.



O chorar tem mysterios reconditos em parte do coração onde não chega a sonda; e ás vezes, succede cuidar a gente que a sonda toca em fibra generosa, e, ao extrai-la dá fé que tocou em lodo.



As lagrimas são o oleo lustral da purificação.



As lagrimas represadas são a peçonha mortal do coração.



Prantos que salvam são os da dôr immerecida, os apellos das iniquidades do mundo para o tribunal da Providencia.

As lagrimas são um segundo baptismo em alguns olhos.



Os infelizes chorem, que a ultima lagrima da penitencia segue-se a primeira da sanctificação.



O maior elogio das lagrimas é choral-as,



Ai daquelles que soffrem e dizem: ‘Não ha quem me veja as lagrimas!’



A bemaventurança é promettida aos que choram.



As ultimas lagrimas são como o ultimo incenso, que é o mais puro, e o que mais se eleva para Deus.



As lagrimas não contidas no coração, caem dos olhos d’onde a luz vae fugindo, ao passo que a noite infinita da desesperação vem descendo.



As lagrimas de rancor devem ser amargas como as do impio que morre blasfemado.

O chorar da mulher desprezada não é amor. As lagrimas vão diluindo os liames que atam a alma á recordação do amor premiado por outro amor. Deslaçados aquelles vinculos, é o amor proprio que chora. Esta crise pode ser mortal. Mas, se a mulher é rija de tempera, a doença declina logo que a vaidade formula á enferma uma tisana do mel dos deuses que a peccadora humanidade denominou «vingança». Então começa a convalescença.



O chorar é, umas vezes, allivio de angustias, as quaes são tributo de dores que honram o coração; outras vezes rebentam como o puz da postema e são tambem allivio. Esta saudavel supuração restaura os corações sobre os quaes a Providencia dos bons firmou o seu dedo purificador.



Eu creio que o amor só resiste às lagrimas que são suas: ha um chorar que vem doutras angustias mais severas e profundas; e, a meu ver, estas lagrimas vão ao coração, e devoram o sentimento melindroso do amor.



E' minha opinião que ha umas lagrimas, que tem a mirifica virtude de lavarem as manchas da perfidia no rosto da mulher amada. Estas lagrimas são magicas, são os philtros do sortilegio com que a sciencia de nossos antepassados andou ás voltas

e com que a piedade alimentou a voracidade das fogueiras. São lágrimas que teem e encerram virtudes luciferinas; sahiram de laboratorio infernal; não são o sangue d'alma, como o padre Bernardes as definia.



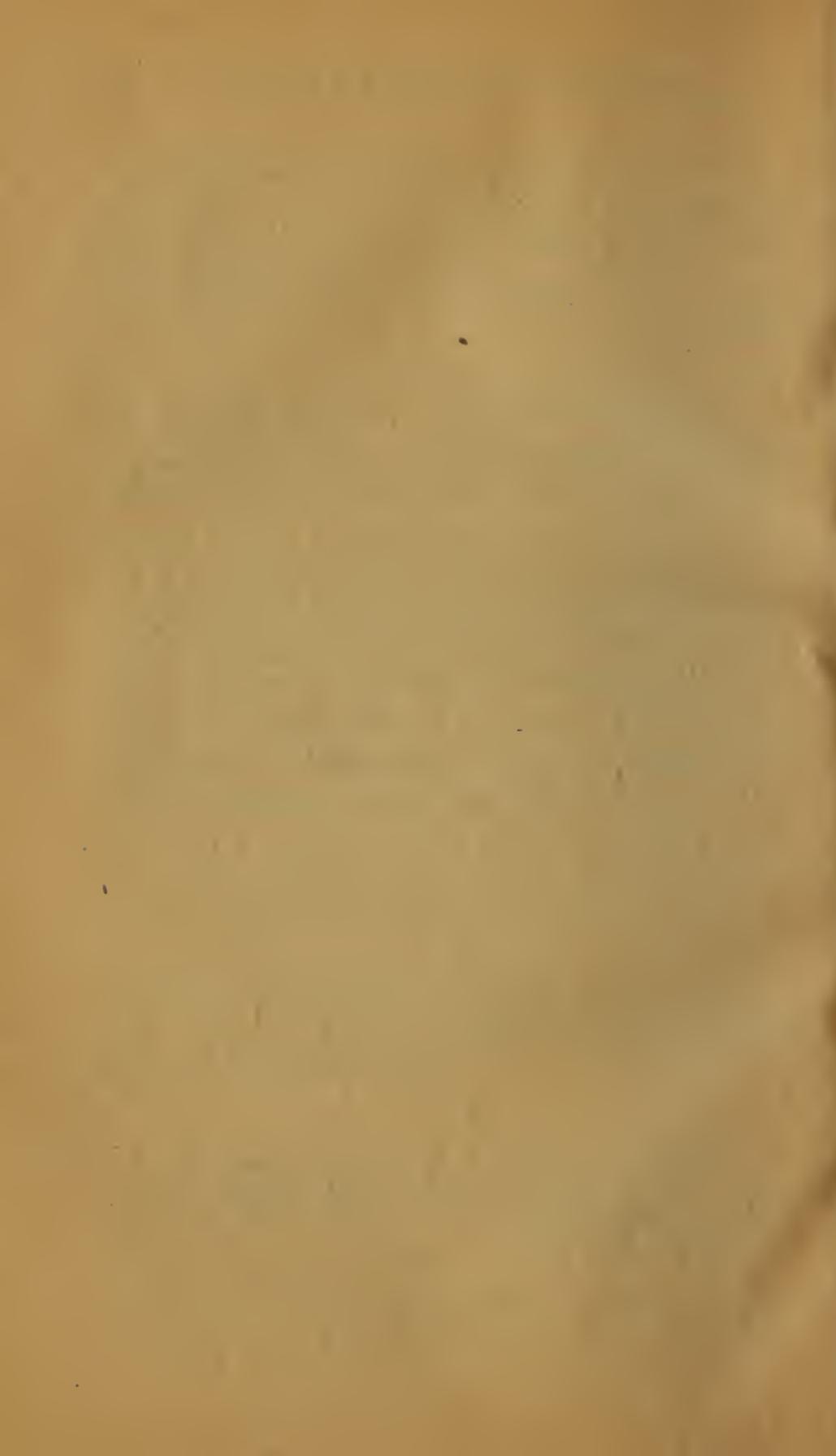
E' minha opinião que as lágrimas deslaçam e rompem os liames de certas crenças e esperanças; porêm, como á vida se fazem mister outras, opera-se uma renovação de vinculos que nos atam a outras preocupações. Nas indoles feminis são por via de regra taes renovações mais temporãs, em razão de operarem n'ellas as lágrimas em maior copia. E, se me não engano, ha ahi coração de senhora que pode frutificar colheitas variadas cada anno, duas, trez e mais, a rega de lágrimas. E' uma aleivosia que o mundo ignaro lhes assaca de versatilidade não é mais que illusões que se affogam e renovos que desabrocham assim que as lágrimas estancam.



As lágrimas da fé, se Deus não existisse, fariam commover o Nada.



Chorar é esmagar a dôr. As lágrimas são o sangue das angustias que os padecentes podem afogar entre as mãos.



LIVRO DE AMOR E DO CORAÇÃO

NEM eu nem vós sabemos como nasce o amor. Em physiologia, que é a sciencia do homem physico, não se sabe. A psycologia tambem não diz nada a este respeito. Os romances que são os mais amplos expositores da materia, não avançam cousa nenhuma ao que está dito desde Labão e Rachel até á neta do arcediago e o filho de Ricarda.

Dizer que o amor é a sensualidade, alem de grosseira definição, é falsidade desmentida pela experiencia. Ha um amor que não rasteja nunca no raso estrado das propensões organicas. Dizer que o amor é uma operação puramente espiritual, é um devaneio de visionarios, que trazem sempre as mulheres pelas estrellas, ao mesino tempo que ellas, gravitando materialmente para o centro do globo, comem e bebem á maneira dos mortaes, e até das divindades do cantor de Achilles.



O amor, em quanto a mim, na esphera da sua pureza, é invento divino, é promanação directa de Deus, foco irradiante de todas as paixões aben-

çoadas, que atam o esposo á esposa, os filhos aos paes, o amigo ao amigo, o homem ao homem e a humanidade ao seu Creador.



Tenho notado que precisamos mais de uma bôa organização do amor, que da organização do trabalho.



O amor só vive pelo sofrimento ; cessa com a felicidade ; porque o amor feliz é a perfeição dos mais bellos sonhos, e tudo que é perfeito ou aperfeiçoado, toca o seu fim.



O amor é a primeira condição da felicidade do homem. As aventuras da existencia multiplicam-se segundo a repetição d'essas commoções espirituaes que parecem distanciar o homem da esphera material da sua natureza grosseira. O amor é anterior á razão : acompanha-a até ao seu derradeiro exercicio ; e, quando é quasi extincto o pensamento no espirito, ainda no coração lavra o incendio dos affectos.



Amores da terra a que montam ? Tanto como a esperança, hoje verde, amanhã sêcca, nunca mais reverdecida, sequem-na embora lagrimas de saudade. Depois, pó, tudo pó, despojo de chimeras, em que somente ha de real e verdadeiro o chorar !

O amor do homem arrotea e enfrutece, a subitas, o mais maninho entendimento de mulher. Fenomenos do amor. O divino, florejando e aromatizando martyres e santos, ala os amados á gloria. O humano com os seus relampagos que abrasam, e perfumes que embriagam e asphixiam, despenha-se nos reconcavos do inferno, que neste mundo se chama o desesperar.



Depois do céo, quem mais pasmosos milagres faz é o amor. Pois nem o amor consegue estancar a fecundidade palavrosa da mulher que se ama. . ou que se quiz amar; coisas muito differentes.



A felicidade no amor é uma criancice dos quinze annos, e ás vezes dos quarenta; mas o desengano vem com todos os homens e com todas as edades.



Reparar, quando o coração repara mais que o juizo, é amar.



Amar é cahir? E' fechar os olhos para não ver a voragem, é cobrir os abysmos de tapetes de flores

Amores aos quarenta e quatro annos, são amores de toda a vida, e ludibriam o coração, que remoça com a cabelleira postiça e dentes empres-tados.



Não ha amor que resista a vinte e quatro horas de philosophia!...



O amor só entra em corações abertos ao con-tentamento.



O amor considerado fonte de contentamentos ideaes, é um sonho d'um doudo sublime.



Um verdadeiro amor é segunda innocencia.



O amor dá-se mal nas casas ameaçadas de pobreza. E' como os ratos que presentem as ruinas dos pardieiros em que moram, e retiram-se.



O amor tem uma escala ascendente desde a sympathia serena até ás diabruras delirantes.



O amor iguala todos os homens.

Todo o conquistador deve ter um arsenal bem fornecido de bombas phraseologicas. A idea não é que persuade uma mulher, é a palavra. O que tu chamas *embrulhada*, meu patavina, é o melhor que se pode dizer, quando não ha nada que se diga.



E' o primeiro amor uma estranha commoção vagamente deliciosa, uma prelibação de delicias celestiaes, um sentir muito á flor d'alma a essencia do amor divino.

N'estas definições ha, talvez, demaseada theologia. Quem ama pela primeira vez, não sente semelhantes allianças de divino e humano. Faz-se mister ter amado vinte vezes, e ter envelhecido á decima oitava, para destrinçar da confusão cahotica das multiplicadas imagens, que se refundiram umas noutras, a luz um tanto divina da primeira.



O primeiro amor d'uma menina é a vingança de uns arrufos com a boneca: é uma diversão pueril. Os arrufos passam, e a menina volta ás suas bonecas.



O primeiro amor prospero ou funesto, dá atrevimentos novos para o segundo.

Em amor ha um só e unico argumento que ensina; é a experiencia. Bem-aventurados os poucos que, apalpados pelo segundo desengano, tiveram mão de si á terceira tentação.



Os principiantes do amor cuidam que é da tarifa devorarem no silencio, antes de se revelarem, as melhores phrases que tinham para convencer. Grande contrasenso. Parecem-se com os caçadores novatos, que atiram á perdiz quando ella vae muito longe do alcance do chumbo.



Os bons usos ordenam que o homem se declare á mulher que ama, depois das impressões repetidas de vel-a e ouvil-a hajam desfalcado o vigor do sentimento. A praxe requer primeiro o extases, depois as sensaborias tartamudas, ultimamente a declaração, com intervallo de tres mezes ao estases.



O amor repartido é o amor sem consequencias perigosas. A razão conserva sempre o seu dominio. A lucta com tres é lhe menos difficil que a de um só; e a donzelinha de faces de leite e rosas, se tiver mão experimentada, leva a cabo empresas arriscadas com a sizudez que os quarenta anos não tem.

Duas pessoas, que se amam, só começam a dizer cousas ajuizadas desde que se aborrecem. A linguagem do amor vem e vai-se com elle; deve existir um serafim, que compoz o vocabulario de amantes, e fecha o livro, assim que o seu compa-
nheiro — o anjo do coração — apaga a lampada de oiro, á luz da qual os ditosos amadores soletravam as frases.



De feito, o amor quando é sério, põe ás canhas o mais pespontado espirito, e o mais mazarral tam-
bem. O amoroso de grande loquella volve-se par-
voinho em presença da sua amada; o sandeu tem
inspirações e raptos, que seriam influxo do céu, se
não soubessemos que o demonio tentador costuma
incubar-se e parvoejar eloquentemente no corpo des-
tes palermas.



Duas enfermidades ha ahi, cujos symptomas
não descobrem as pessoas inexperlas; uma é o amor,
a outra é a tenia. Os symptomas do amor, em mui-
tos individuos enfermos, confundem-se com os sym-
ptomas do idiotismo. E' mister muito acume de vista
e longa pratica para descriminal-os. Passa-se o mes-
mo com a tenia lombriga por excellencia. O aspecto
morbido das victimas d'aquelle parasita, que é para
os intestinos baixos o que o amor é para os intes-
tinos altos, confunde-se com os symptomas de graves
achques, desde o hidrotorax até a espinha caida.

O amor é de condição mui despreendida d'umas baixesas que nós razamente chamamos almoço, jantar, ceia, aconchego, comodidades, guarda roupa abundante. Assim que elle dá tento de que o seu vizinho, chamado espirito, cogita distrahido n'aquellas coisas vulgares, começa a enfastiar-se, a franzir o sobr'olho, a estorcer-se, a vêr por onde ha de fugir. O amor quer o monopolio das faculdades da alma. Se o intellecto o desdenha para se exercitar em estudos graves, o caprichoso arrufa-se, e vingá-se dos sabios fugindo para os corações dos tolos, que, tal qual vez, se senhoream dos espiritos das esposas dos sabios, desastre de que o sapientissimo Marco Aurelio se queixava n'uma carta á sua muito deshonestá mulher Faustina. Cito um imperador para consolação da gente mean, ignorante dos eminentes camaradas de infortunio, que a historia lhe offerece. Quando este despeito se dá com as intelligencias obsorvidas pela paixão do saber, que fará com os animos preocupados do prosaismo da receita e da despeza?



Todo o amor assenta na virtude. Sem esta, a paixão é uma mentira, que o dia de amanhã desenganará.



O amor faz a mulher varonil. Temos visto almas de lama apresentarem uma energia corajosa, quando o tonico do amor lhes vibra as cordas em-

brionarias d'um coração, que parece arfar de improviso ao repetido choque, ao rapto da paixão violenta.



O amor faz heroes, mas tambem faz patetas.



O homem que ama apaixonadamente, não cura de saber o valor que os outros dão á mulher que ama. Se o amor, por qualquer condescendencia declina, o amante, cego hontem, abre hoje um olho, e duvida se ella effectivamente é aquillo que lhe parecia hontem. Na duvida pergunta aos outros: «Que vos parece aquella mulher?» Se a delicadeza, ou a bôa fé responde: «é uma excellente mulher», a má fé ou a grosseria responde: «não presta» o amador indiciso odeia a indirecta resposta, e persiste na duvida, que é sempre do peor partido para a mulher, sujeita á alta e baixa do mercado.



O ultimo amor que desampara o homem é o amor combinado com o orgulho.



A suprema das miserias humanas é a vingança reservada por causa d'amores desprezados.

O uso de se verem duas pessoas entre-amadas gasta-lhes o amor. O uso de se verem as que muito se estimaram, não lh'o deixa nascer.

O imprevisto, a surpresa, o domínio incerto e disputado, isto sim, é o céu ou inferno, onde o amor rejubila como anjo, ou se estorce em fogo de reprobó.



Do muito amar ao injuriar por ciumes, medeia meio passo.



Ha um só amor para cada coração. Ama-se uma só vez; e essa vez unica vem aos desasseis, vem aos vinte e cinco, vem aos quarenta, vem aos cinquenta anos. Não ha idade assignalada para essa emissão celeste, para esse sentimento que nos antecipa o amor divino.

Amor ha só um, A repetição desse sentimento não é amor, é paixão. Deste àquela vai a differença da alma livre nos seus anhelos á alma presa nos sentidos.

Amar é sentir de dentro para fóra; apaixonar-se é sentir de fóra para dentro.

A coisa assim dita é clara como agua. É mais clara ainda; amar é uma operação da alma sem dependencia do corpo; apaixonar-se é uma operação do corpo sem dependencia da alma.

O amor afemina as condições mais viris, e tem feito, que as faces queimadas e negras da polvorada das peles se orvalhem e brilhem de lagrimas.



Andar annos com o coração em ancias é desvigorisal-o para quando lhe é mais necessario.

Pelo ordinario, os noivos que se amam longo tempo, cazam-se quando o mais fino da sensibilidade está desgastado na abstracção e na chimera.



Penso que o amor, sem a estima, se converte em odio, quando o ciúme o degenera. A estima sente com grandissima angustia o perdimento do amor; mas subsiste e permanece. A mulher amada perdeu-se: ficou a irmã.

O perder-se ou transverter-se o coração é quasi sempre a prova real de não ter sido o primeiro nem o melhor um certo amor com que os alienados se desculpam. O que não perde nem desvaira, esse é que é o amor.



O amor é, além de tudo que está dito, uma coisa que falta dizer: é um telescopio.

A mediocridade, e ainda mesmo a pobreza, podem parecer delicias á mulher que ama contrariada por obstáculos de nascimento ou de fortuna: o amor faz milagres taes, desfigurando tudo que está feito e refeito pelos seculos, e pelo consenso univerval. Quando, porém o amor cede ao tempo, á intimidade, aos mais serios deveres de maternidade, e aos preceitos e preconceitos inexoraveis da sociedade — que acham sempre traça de se insinuarem mesmo através do colmado do trabalhador de enxada — a mãe que se vê pobre, é já mulher muito diversa da noiva que almejava a pobreza do homem amado. As flôres da poesia fructificaram já em filhos que pedem alimento, educação e futuro. As amigas de infancia, que parecem baixas almas por se terem victimado voluntariamente ao ouro de um velho e aos epigrammas da mocidade, lá estão ricas, respeitadas e vaidosas de seus filhos; e com quanto já não conheçam a amiga pobre que se deu de coração ao coração, culpam-n'a e condemnam-n'a do alto da sua severa abundancia.



Beijo — mimosa delicia da epiderme, que os homens aprenderam das pombas e das rolas.



Fraco é o homem que se julga inferior ao imperio das paixões.



que é o coração? O coração é um vaso onde passa o sangue. O coração, que não é isto e simplesmente isto, é um tolo.



O coração é a salamandra de seus proprios incendios; lacera-se, como o pelicano, de cada golpeada tira golfos de sangue, e n'este sangue medram esperanças, cada dia mais infermadas.



Uns corações tem melhor carnadura que outros. Ha d'elles que cicatrizam depressa golpes fundos. Outros, escoriados á superficie, ulceram mortalmente; e, se escapam, a lesão para toda a vida é certa.



O estilo do coração, se algum elle tem, a meu vêr, é de todos o mais desatado e avesso da bõa prosodia. As suas flores são beijos quando não são lagrimas.

O coração para o amor quer-se forte e terço, de uma certa rigesa que se ganha com o bom sangue, com os anceios da esperança, e com as alegrias que o enchem e reforçam para os revezes.



Estudar o coração é cortar fundo como escalpelo no proprio; é invocar reminiscencias de feridas que sangram sempre; é acordar os echos de um gemido surdo no coração estranho; é tocar a evidencia na dôr, surprehendendo-a no sanctuario daquelles que mais a segredam; é emfim dizer: sofframos assim, ou assim deviamos soffrer.



O coração é um traidor, quando se arreda dos deveres impostos á alma.



A cegueira do coração não deixa ver senão o que a sciencia infere e a mão apalpa.



O coração perde-nos. O homem que se dá exclusivamente ao amor, cuida que vae sobre alcáfitas de flores, e resvala n'um abysmo. Principia, com o proposito de ser honrado, um commércio de sensações brandas, e acaba enfasiado d'ellas, ansiado d'outras que não depara.

Quando o coração é nobre, também há paixões que principiam nobremente, e acabam pela ignominia como as outras que começam pela infamia. O amor violento, que deshonra, o amor que faz victimas, não é o infame privilegio dos homens pervertidos. Os de nobre coração também deshonram, também pervertem e fazem victimas.



A riqueza é muitas vezes um estorvo á felicidade do coração; e o coração, aos trinta e oito annos, é quasi sempre enganado pela juventude que o reflexo do ouro lhe dá.



Tristezas de coração, aos quarenta annos, se procedem de saudades da bemaventurança dos vinte, são golpes que rasgam fundo, e curam em falso, por não fecharem, digamo-lo assim, cauterisados pelo ardor das lagrimas.



Aos quarenta e quatro annos a razão pode muito, se o coração já está enervado e enfraquecido de luctas e quedas; todavia, a razão dos quarenta e quatro annos é ainda frouxa e transigente, se o coração começa a amar tão a deshoras. Não se calculam as miserias e parvoices desta serodia mocidade!

Desde que qualquer sujeito perde o siso do coração, escusado é esperar que a razão lh'o restaure: em tão bôa hora que elle o recupera depois das amargas provas. O homem porêm que amanhece tolo aos quarenta e quatro annos, a mim me quer parecer que ao entardecer-lhe a vida a folice lhe refinará.



Cuidam — digamol-o de caminho — os escrutadores do coração que a suprema prova de innocencia das meninas é o corar; por isso que as fazem logo aos quatorze annos corar de quanto se lhe diz contingente do amor. Com estes analystras me desavenho eu. Sou de parecer que a menina que não côra de certos dizeres, porque os não entende, é muitissimo mais innocente que as outras.



Quando o coração é atordido por um tumulto de oppostas ideas, o caracter exterior fecha-se, escurece-se, e não deixa rasto de luz que encaminhe o observador mais provado na experiencia das dores que o homem esconde com egoismo á fria curiosidade dos extranhos.



O silencio é a linguagem dos corações felizes.

Estracto de algumas das muitas apreciações feitas á
«Antologia Portuguesa» de Nuno Catharino Cardoso,
pela Imprensa Portuguesa e Brasileira.

«Poetisas Portuguesas»

As suas 300 e tal paginas não poderão deixar de ser lidas
com o mais profundo interesse.

«Manhã», de 26-7-1917

Trabalho notavel, quer como compilação, quer como estudo,
tem alcançado aquilo que vulgarmente se chama um successo de
livraria. Merece-o, não haja duvida.

«Lueta», de 10-8-1917

E' um curiosissimo volume que trata das portuguezas mais
distinctas nas artes, nas sciencias e letras.

«Ritículos», de 19-12-1917

Numa palavra: é uma obra que honra o auctor e as letras
patrias.

«Jornal da Mulher»

Concluindo: O sr. Nuno Catharino Cardoso pode consi-
derar-se um benemerito das letras. Estes seus dois livros são
padrões honrosos, do seu amor ás gentes e ás letras do seu paiz.
Eu, sinceramente, louvo-lhe a paciencia e dou-lhe parabens pelo
muito que desbravou nesse terreno, pouco explorado ainda por

escriptores portuguezes. Seus livros *Poetisas Portuguezas* e *Sonetistas Portuguezes* e *Luso-Brasileiros*, são livros que resistem a revoluções e correntes litterarias, são obras que ficam e se eternizam, como documentação valiosa, necessaria e imprescindivel, para a historia da poesia portuguesa.

«Folha do Norte», do Pará de 13-10-1918

(1) «Sonetistas Portuguezes e Luso Brasileiros»

Sendo o primeiro livro no genero que se publica em Portugal, além de muitos ineditos, contém os mais belos sonetos da lingua portuguesa, feitos desde Sá de Miranda á modernissima geração.

«Diario Nacionál», de 6-7-1918

O livro é porém uma obra de grande valia, estando-lhe certamente reservado um exito igual ao primeiro livro do auctor, pelo grande numero de notas preciosas que encerra, muitas das quais ineditas.

«O Seculo», de 10-7-1910

Como o primeiro a que nos referimos, trata-se de um trabalho prôbo e interessante por muito completo. Na parte litteraria refere-se a mais de mil obras.

«Jornal da Tarde»

E' um livro de vulgarisação, feito com rara consciencia, tendo documentação preciosa sobre todos os nossos poetas. Trabalho de verdadeiro valôr, é notavel e é indispensavel em todas as boas livrarias.

«Lueta», de 9-7-1918

O sr. Nuno Catharino Cardoso pôde, sem lisonja, classificar-se de benemerito, porque o é quem leva a cabo uma empreza como a que absorve os seus lazeres.

«O Seculo», edição da noite, de 16-7-1918

(1) Esta obra foi aconselhada pelos professores de portuguez das Universidades de Paris, Roma e Bruxellas, aos seus alumnos

Não conhecemos no genero e em lingua portuguesa livro que se lhe assemelhe. Não é um trabalho vulgar, mas unico, valioso, imprescindivel, como documentação da nossa historia literaria e divulgação inteligente de bastantes obras primas da poesia lusa.

«*Jornal de Noticias*», do Porto, de 18-7-1918

Demais, *Sonetistas Portugueses e Luso-Brasileiros*, constituem uma obra que ainda não existia entre nós; obra que todos os estudiosos e publicistas lastimavam, mas que nenhum se atrevia a organizar, talvez porque neles não abundassem as extraordinarias qualidades de trabalho, de tenacidade e de paciencia que possui o sr. Catharino Cardoso, só comparavel neste caso, ao nosso amigo e lexicografo sr. Candido de Figueiredo.

Mil parabens ao sr. Catharino Cardoso pelo valiosissimo trabalho que acaba de publicar.

«*Jornal da Mulher*», de 3-7-1919

E' realmente este cancionero uma obra de valor e documentação, que ao seu organisador deve encher de orgulho.

«*A Situação*», de 26-9-1920

E' riquissima a parte bibliografica em que se mencionam mais de mil obras e não menos notavel a parte biografica, sobria, mas expressivamente traçada, de modo que o auctor, em incisivas palavras, fica elucidado acerca das individualidades e do caracter poefico dos principaes sonetistas luso-brasileiros.

Bem merece louvores o auctor dos *Sonetistas Portugueses e Luso-Brasileiros* que, com razão, deverá ser considerado um benemerito das nossas letras.

«*O Comercio do Porto*», de Agosto de 1918

«Cancioneiro da Saudade e da Morte»

O sr. Nuno Catharino Cardoso, a quem as letras patrias devem relevantes serviços, acaba de publicar agora, com este titulo, um esplendido volume, em que reuniu as mais belas poesias

e quadras soltas de 164 poetisas e poetas portuguezes e brasileiros dos seculos XII a XIX e das varias escolas dos dois paises. Como nos anteriores trabalhos do auctor, *Poetisas Portuguezas* e *Sonetistas Portuguezas* e *Luso-Brasileiros*, o Cancioneiro agora publicado tem a torna-lo muito interessante os dados bio-bibliograficos ácerca de cada um dos auctores de que trata. Abre o livro, que é o primeiro que conhecemos, um esplendido prefacio do auctor, que merece ser lido com atençaõ.

«O Seculo», de 20-5-1920

O *Cancioneiro da Saudade e da Morte*, reúne num formoso feixe, o que o genio elegiaco da raça criou de melhor.

«A Patria», de 14-6-1920

Organisar antologias não é tarefa leve. Exige não só uma cultura vasta, mas um fino gosto, uma sensibilidade delicadissima que possa vibrar com as estesias mais variadas. Ainda tratando-se de um só auctor, que dificuldade na escolha!

O sr. Nuno Catharino Cardoso tem raros dotes para os trabalhos a que tão amorosamente se dedicou, e que são certamente uma obra excelente e hoje mais que nunca meritória. Nós estamos em vespuras de apenas poder ler antologias. A carestia pavorosa do papel e a lamentavel crise tipografica não nos deixarão adquirir de futuro as diversas obras dos prosadores e poetas.

«O Primeiro de Janeiro», de 27-6-1920

Assim o sr. Catharino Cardoso, inteiramente desacompanhado de auxiliares, quer individuaes quer economicos, vai completando, num esforço digno de ser imitado, e com um exito de que já não é licito duvidar, o plano da vasta obra que ha muito concebera — com o título geral de *Anthologia Portuguesa*.

«O Tempo», 14-6-1920

São raras as antologias cujo valor do seu auctor seja garantia dum trabalho completo, perfeito e seguro. Em Portugal, descobriu-se, ha pouco tempo, a creatura predestinada pela sua indole investigadora, paciente e ilustrada, que abriria uma serie de

semelhantes trabalhos. As suas tres antologias são as mais perfeitas no genero. Sob o ponto de vista de elegancia literaria, é desnecessario falar; são as melhores e mais sagradas joias da literatura luso-brasileira versando, esse «delicioso pungir de acerbo espinho» — a Saudade e a Morte. E' como acabamos de indicar, uma obra de estudo e dum trabalhador criterioso. Terá uma divulgação invulgar como os seus anteriores trabalhos, o que não é mais do que uma justa recompensa a um investigador probo e consciante. O seu volume deve figurar na estante de todo o homem de letras.

«Jornal da Europa», de 29-6-1920

Ao sr. Nuno Catharino Cardoso, que ás suas excelentes qualidades de literato alia um alto espirito de investigador, ficam devendo os poetas portugueses e brasileiros mais uma obra de invulgar carinho e o publico um novo trabalho de elevada intelligencia e merito. E' o terceiro volume da sua antologia.

O *Cancioneiro da Saudade e da Morte* afirma as optimas faculdades do serio organisador, do estudioso pertinaz, do critico lucido e, digamos, do esteta excelente. Desde o seculo XII até nossos dias, o illustre publicista soube colher, na obra dos poetas de Portugal e do Brasil, com benedilina paciencia e superior criterio, alguns dos trechos mais curiosos onde a saudade perpassa e a morte predomina. Não se trata, no entanto, dum livro monotonico e melancolico, mas de um trabalho de superior relevo, perfumado de poesia, tocado de sortilegio, erguido em arte.

«Jornal de Noticias», do Porto, de 29-6-1920

O autor deste primoroso livro, é digno dos maiores louvores, tem juz aos mais amplos encomios.

«Chronica» por D. Rosa Varella, 1921

«Cancioneiro Popular Portugues e Brasileiro»

As letras portuguesas devem ao sr. Nuno Catarino Cardoso inestimaveis serviços. Os seus trabalhos de compilação, cuidadosamente feitos, são a muitos titulos notaveis, como se verifica pelas suas preciosas antologias, certamente as mais comple^{tas} de

quantas existem entre nós. O volume agora publicado com as quadras populares portuguezas e brasileiras é digno de figurar em todas as estantes e de ser consultado por todos os estudiosos, tendo a elucidal-o um magnifico prefacio em que largamente se accentuam as afinidades entre os dois paizes e se faz o exame detido dos dois excelentes cancioneiros.

Para mais facil consulta, as quadras estão divididas por capitulos segundo os assuntos de que tratam, valorizando ainda o encantador volume dois outros capitulos sobre o amor em Portugal e no Brasil.

«O Seculo» de 10-6-1921

E', como se vê, uma obra completa, pacientemente elaborada, obra que merece ser apreciada com interesse por portuguezes e brasileiros.

As quadras reunidas neste cancioneiro acham-se agrupadas (tanto na parte referente a Portugal como na que diz respeito ao Brazil) nos seguintes capitulos:

Pensamentos e Conselhos, Mau fado e Melancolia, Satiras e Gracejos, Desafios, Psicologicas e o Amor.

A Nuno C. Cardoso os nossos parabens, pois fez a melhor obra que no genero existe, porque é a mais bem orientada e a mais completa. Que ela seja compreendida por todos os que amam a Beleza, a Tradição e a Patria, são os nossos votos.

«Jornal da mulher», n. 160, de Junho de 1921, pag. 52

Mais um livro utilissimo acaba de lançar no mercado o sr. Castriarino Cardoso. Digno se torna este já illustre investigador do aplauso e da gratidão de quem (neste paiz de politicos e revolucionarios) ainda se interessa pelas questões scientíficas e literarias.

«A Situação», de 3-7-1921.

«De todo este livro se evola um perfume suave, perfume da raça; a beleza evocativa das suas paginas amolenta, por momentos, a asperidão crua da vida. E' um livro muito português, um livro de flores lindas — flores do campo, lhe chamei eu — do

campo por serem muito viçosas, do campo por serem de côres muito alacres, muito vivas. . .

Na compilação deste volume entendeu o auctor classificar as quadras pelas seguintes categorias:

«Pensamentos e Conselhos»; «Mau fado e melancolia»; «Satiras e Gracejos»; «Desafios»; «Quadras psicologicas» e «O Amor».

Meu desejo seria poder a cada uma destas categorias ir buscar uma ou mais quadras que aqui transcrevesse. Na impossibilidade de o fazer eu apresentarei simplesmente as seguintes:

O amor de uma viuva
E' como o comer sem sal:
E' como a fruta sombria
Que não sabe bem, nem mal.

O amor é grande mal
Não amar é mal maior:
Mas amar sem ser amado
E' dos males o peor.

E' o vinho coisa santa
Que nasce da cepa torfa:
À uns faz perder o fino.
À outros errar a porta.

«A Gazeta de Coir bra», de 21-7-1921

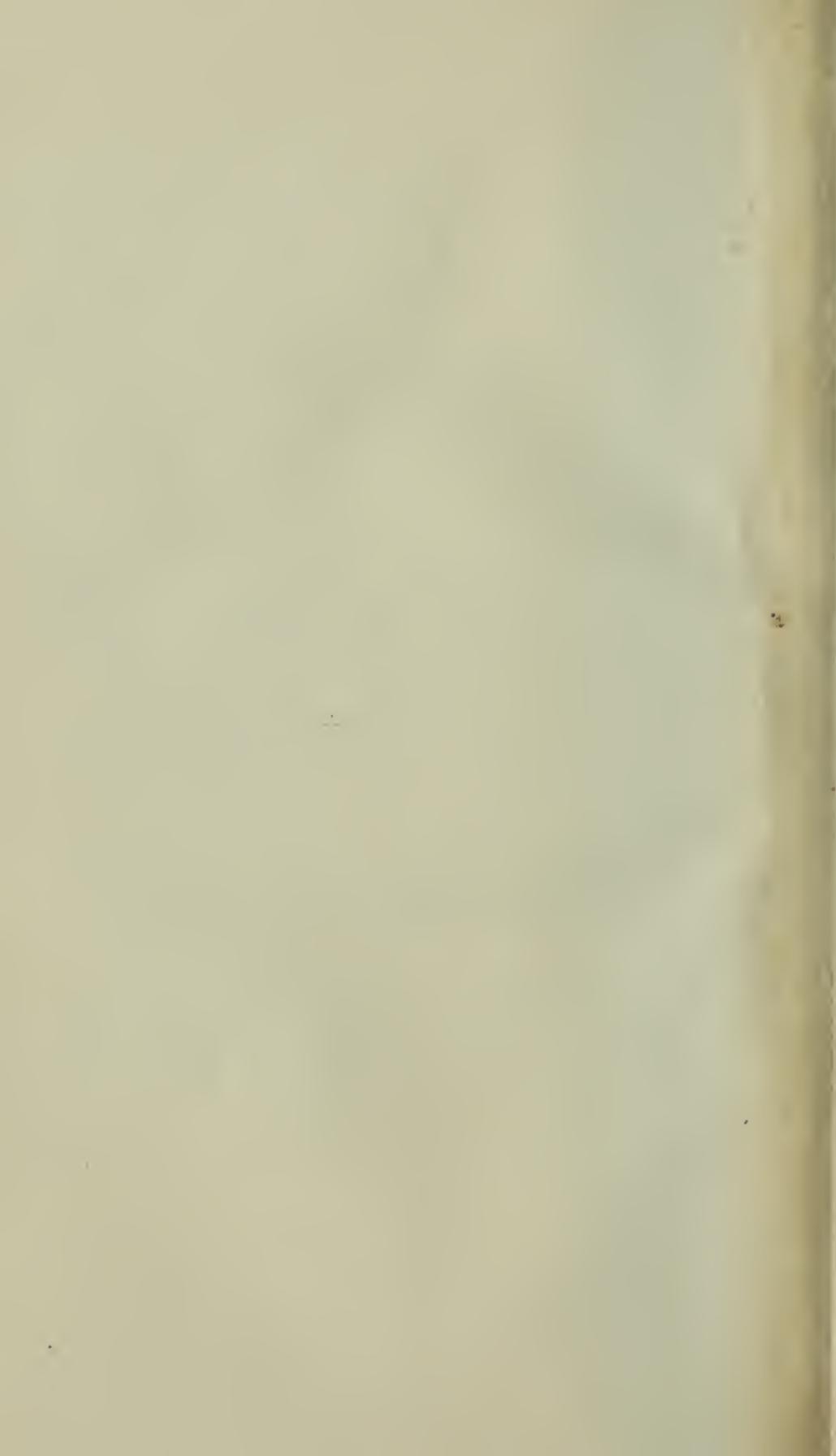
«O Cancioneiro popular é um livro encantador, que junta aos trabalhos congeneres valiosos subsidios — além de ser o primeiro livro em que se encontram reunidas as trovas populares dos dois paizes» como o seu distinctissimo organisador elucida no interessante prefacio».

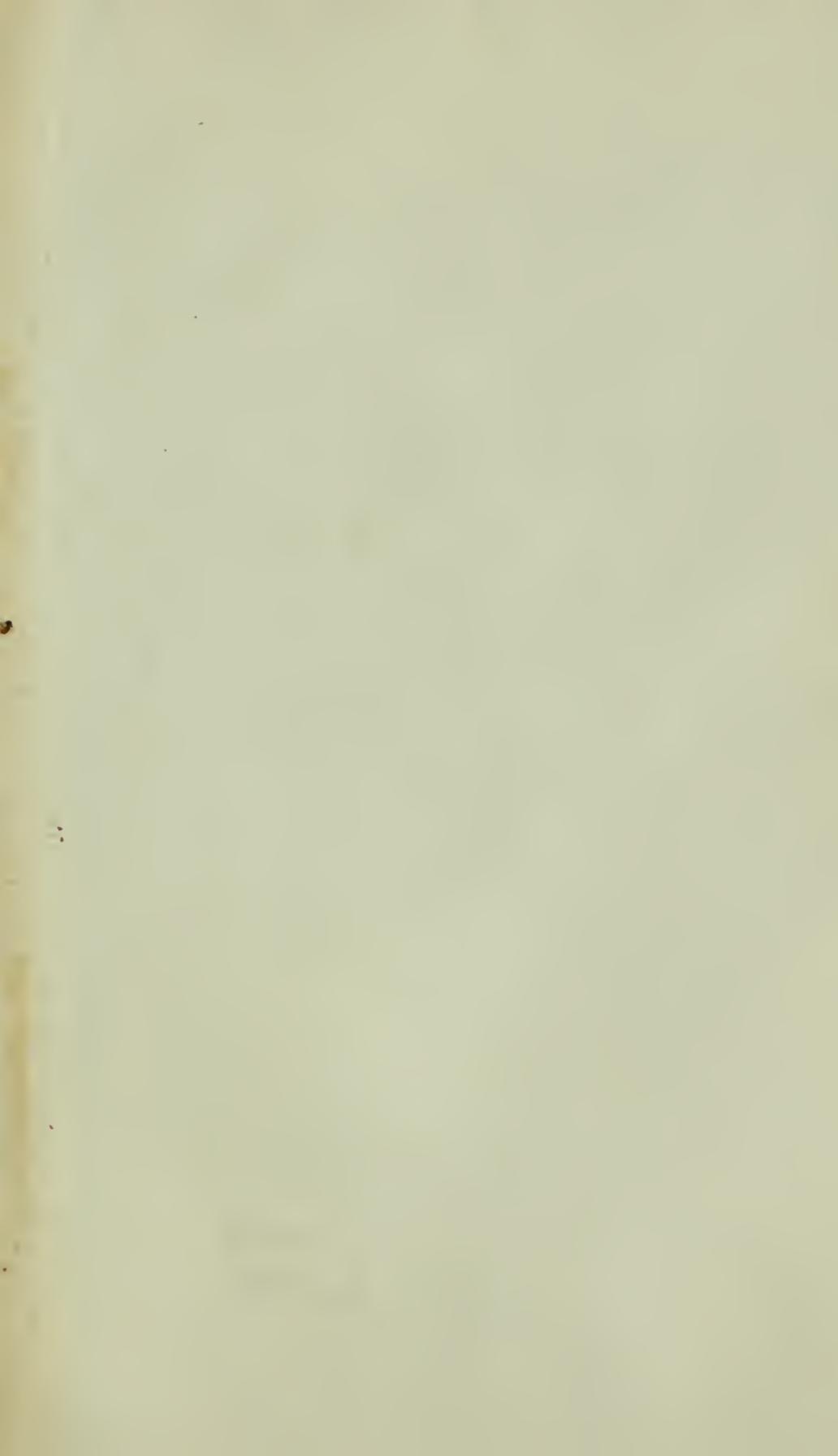
«O Primeiro de Janeiro», de 11-9-1921.

INDICE

Prefacio	I a XVI
Mulheres e Lagrimas:	
Mulheres	1 a 26
Lagrimas	27 a 31
Livro de Amor e do Coração:	
Amor	33 a 44
Coração	45 a 48
Apreciações da Imprensa Portuguesa e Brasileira acerca da Antologia Portuguesa de Nuno Catharino Cardoso:	
I — Poetisas Portuguesas	49 a 50
II — Sonetistas Portugueses e Luzo-Brazileiros.	50 a 51
III — Cancioneiro da Saudade e da Morte.	51 a 53
IV — Cancioneiro Popular Portugues e Brasileiro.	53 a 55







UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 02 04 007 7